

Júpiter, que tinha dado a vida à criatura,
receberá seu espírito de volta, quando de sua morte.

Terra, que deu o material do corpo,
receberá este mesmo corpo.

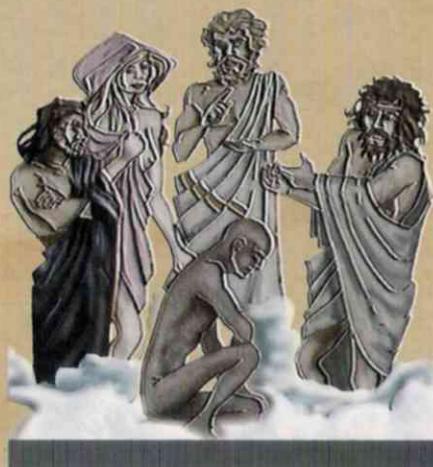
Para Cuidado (Cura) uma tarefa:

à Cura, porém, porque foi quem, por primeiro
o moldou, caberá tomar conta dela enquanto viver.

E a última parte da decisão: a criatura se
chamará Homem porque veio do humus, isto é, terra
fértil, e a ele voltará. Até voltares ao solo,
pois dele foste tirado (Gen. 3:19).

Saturno resolveu o impasse sobre o nome a ser
dado à nova criatura e foi além: o homem necessita
de ser cuidado. Esta tarefa é de todos, mais
especialmente dos profissionais de enfermagem,
que na sua prática cotidiana deverão ultrapassar
o nível ôntico e identificar-se com o Cuidado,
para que possam cumprir ontologicamente

A Decisão de Saturno.



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

**JOSÉ ANCHIETA ESMERALDO BARRETO
RUI VERLAINE OLIVEIRA MOREIRA**
(ORGANIZADORES)

Ana Ruth Macêdo Monteiro • Edna Maria Dantas Guerra
Lorena Barbosa Ximenes • Luiza Jane Eyre Xavier de Souza
Maria Fátima Maciel Araújo • Maria Irismar de Almeida
Maria Josefina da Silva • Maria Vera Lúcia M. Leitão Cardoso
Vera Lúcia Mendes de Oliveira • Zélia Maria de Sousa Araújo Santos

A DECISÃO DE SATURNO

(FILOSOFIA, TEORIAS DE ENFERMAGEM E CUIDADO HUMANO)



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

JOSÉ ANCHIETA ESMERALDO BARRETO
RUI VERLAINE OLIVEIRA MOREIRA
(ORGANIZADORES)

Ana Ruth Macêdo Monteiro • Edna Maria Dantas Guerra
Lorena Barbosa Ximenes • Luiza Jane Eyre Xavier de Souza
Maria Fátima Maciel Araújo • Maria Irismar de Almeida
Maria Josefina da Silva • Maria Vera Lúcia M. Leitão Cardoso
Vera Lúcia Mendes de Oliveira • Zélia Maria de Sousa Araújo Santos

A DECISÃO DE SATURNO

(FILOSOFIA,
TEORIAS DE ENFERMAGEM
E CUIDADO HUMANO)



UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

2000

Barreto, José Anchieta Esmeraldo

B273d A Decisão de Saturno (Filosofia, Teorias de Enfermagem e Cuidado Humano) /José Anchieta Esmeraldo Barreto/Rui Verlaine Oliveira Moreira... et al./ - Fortaleza: Casa de José de Alencar /Programa Editorial 2000, 240p. (Coleção Alagadiço Novo).

1. Ciência – Filosofia 2. Ciência – Metodologia
3. Ciência – Teoria 4. Pesquisa I. Título

CDD – 501.8
– 501
– 507.2

Sumário



Capítulo 1

Sobre Ciência, Metaciência e Decisão dos Deuses 13

Capítulo 2

O Pensamento de Karl Popper e sua Contribuição para a Enfermagem 35

Capítulo 3

Tópicos do Pensamento de Popper 55

Capítulo 4

Dilthey e a Filosofia da Ciência da Enfermagem..... 71

Capítulo 5

Ciências da Natureza – Ciências do Espírito 89

Capítulo 6

A Retomada da Verdade em Husserl e a Enfermagem. 107

Capítulo 7

Husserl e a Crítica da Razão 125

Capítulo 8

A Teoria Crítica e a Teoria da Enfermagem 147

Capítulo 9

A Escola de Frankfurt e o Conceito de Razão 179

Capítulo 10

A Contribuição de Wittgenstein para a Enfermagem ... 195

Capítulo 11

Wittgenstein: Notas Complementares 217



A Teoria Crítica e a Teoria da Enfermagem

*MARIA JOSEFINA DA SILVA
MARIA IRISMAR DE ALMEIDA
RUI VERLAINE OLIVEIRA MOREIRA*



A Teoria Crítica e a Teoria da Enfermagem

8.1 Introdução

A pós-modernidade exige, diante da complexidade social, que sejam reexaminados os paradigmas de explicação do real, dentre os quais eram hegemônicos aqueles originários do modelo cartesiano de pensar e explicar o mundo fenomênico. Surgem, ao longo do século XIX, pensadores que procuraram romper com esses modelos. Um dos precursores é Dilthey (1833 - 1911), que abre horizontes quando propõe a hermenêutica como método de interpretação das ciências humanas, rompendo com a análise explicativa das ciências da natureza, então utilizada.

Fazendo uma crítica à *teoria tradicional*¹, vamos encontrar a Escola de Frankfurt que, por caminhos diferentes de W. Dilthey, já que esta é de tradição marxista, busca opções para o *status quo* social, através da *Teoria crítica*.

Sua proposta é de posicionamento crítico diante da sociedade e dos rumos que esta tomou para produzir sistemas de dominação do homem, dos quais este não tem como escapar. *O indivíduo se vê completamente anulado em face aos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder das sociedades sobre a natureza a um nível jamais imaginado* (1: p. 14).

¹ Teoria tradicional é uma expressão cunhada na escola de Frankfurt para designar o modelo hegemônico de ciência, pautado nos pressupostos cartesianos de ciência positiva, dedutiva e construída de um conhecimento pragmático.

A proposta filosófica da Escola de Frankfurt se fundamenta no marxismo, embora em alguns momentos tenha criticado a doutrina de Marx, sendo por isso seus seguidores chamados de revisionistas.

A Teoria crítica não constitui unidade, mas significa, na sua essência, para os frankfurtianos, a busca da libertação do homem dos grilhões da razão instrumental², fruto da mudança de percurso que tomou o Iluminismo diante da proposta de libertação do homem pelo saber.

A Teoria crítica *dirige-se para a análise da influência mútua entre as estruturas e as práticas sociais, a mediação entre o objetivo e o subjetivo que se faz em e através de fenômenos sociais determinados* (4: p. 129).

Na enfermagem, o materialismo histórico como filosofia e o materialismo dialético como método de explicação do real aporta, na década de 70, no interior dos cursos *stricto sensu*, passando a ser o marco teórico de eleição para dissertações e teses.

Em saúde coletiva, a Teoria da Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva – TIPESC fundamenta-se nestes marcos filosófico e metodológico. Analisar e criticar os conceitos, pressupostos e relações no interior dessa teoria são ações que só devem ser desencadeadas a partir dos mesmos marcos teóricos; portanto, a opção pela Teoria crítica para tal empreitada.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro momento expõe, de forma sucinta, a Teoria crítica e a Escola de Frankfurt, dando destaque aos conceitos básicos da Teoria crítica de Horkheimer; a seguir, é apresentada a TIPESC em seus pressupostos e marcos teóricos e,

² Razão instrumental é a razão que perdeu sua autonomia diante do processo social surgido a partir do Iluminismo, que resultou na civilização industrial, instrumentalizada, compartimentalizada em interesses pragmáticos e heterônomos à razão substantiva.

por fim, uma análise crítica, embora não exaustiva, de seus principais pilares à luz da Teoria crítica.

8.2 A Escola de Frankfurt: Traços Históricos e Filosóficos

8.2.1 Histórico

A Escola de Frankfurt, situada na cidade alemã com o mesmo nome, foi criada em 1923 por decreto do Ministério da Educação, com a denominação de Instituto de Pesquisas Sociais (IPS). Tornou-se viável graças ao patrocínio de Felix J. Weil, doutor em ciências políticas, que proveu financeiramente o IPS. Com o afastamento de Carl Grünberg, seu segundo diretor, em 1931 Horkheimer assume o IPS, embora de forma provisória. Em 1933, o Instituto é fechado na Alemanha por acusação de tendências hostis ao Estado de Hitler. O IPS sai de Frankfurt para a França e a Suíça. Em 1934, muda-se para os Estados Unidos da América, seu período mais fecundo, de acordo com Freitag (12). Em 1950, regressa à Alemanha e recebe a denominação de Escola de Frankfurt.

Além de ser o responsável pela transformação do IPS, Horkheimer foi seu maior expoente. Nascido em Stuttgart em 1895, faleceu no ano de 1973. Filho de industrial judeu, dedicou-se à literatura. Morou em Bruxelas e Londres para aprender alemão, francês, holandês, flamengo e inglês, juntamente com o amigo Pollock, que o acompanharia até sua aposentadoria. Estudou nas universidades de Munique, Friburgo e Frankfurt, orientando-se para a psicologia e depois para a filosofia, sob a influência de Schopenhauer. Sucede Grünberg no Instituto de Pesquisas Sociais. Em 1933, Horkheimer é afastado do Instituto, mas fica dirigindo sua dependência genebrina. Em 1934, durante visita aos Estados Unidos, aceita o convite para se instalar em Nova Iorque.

Volta para a Alemanha; em 1949, reassume sua cadeira e, no ano seguinte, a direção do Instituto. Volta aos Estados Unidos em 1954 e se aposenta em 1958; mantém ainda contato com o Instituto e sua dependência americana. Suas obras foram reeditadas entre 1967-70 (3: p. 17).

Reale & Antiseri (23: p. 836-868) destacam outros nomes da Escola de Frankfurt e seus campos de investigação. Adorno: filosofia, sociologia e música; Marcuse: filosofia; Erich Fromm: psicanálise; Walter Benjamin: filósofo e crítica literária.

Apesar das diferenças (nos campos de interesse), há uma corrente una entre os frankfurtianos: a defesa da Teoria Crítica posta em oposição à Teoria tradicional (5: p. 123).

A produção intelectual da Escola de Frankfurt recebe a influência de inúmeros autores. São os principais: Lucács e Karl Korsch; Tönnies, com a obra *Comunidade e sociedade*; Max Weber, com *Economia e sociedade*; Kant, com a *Crítica da Razão prática*, e Hegel, com a *Fenomenologia do espírito*; Marx e suas inúmeras críticas; Schopenhauer e seu *pessimismo consequencial*; Freud; Nietzsche; Heidegger.

Contexto

O IPS surge no contexto europeu de desencanto em relação ao modelo social vigente: é o período entre guerras, quando a Alemanha começa a sofrer a influência do nazismo e do anti-semitismo. A Itália se encontra em meio ao nacionalismo exacerbado do fascismo de Mussolini e, ao mesmo tempo, ocorre o extermínio de companheiros e dissidentes comunistas, patrocinado por Stalin, na Rússia socialista.

Paralelamente a esses eventos políticos, a sociedade industrial vive um momento de desenvolvimento incomparável, suscitando o surgimento de alianças entre a clas-

se operária e o capital, primórdio da social-democracia européia.

Ideologicamente, o marxismo sofre revezes, inclusive pela (...) *derrota do movimento proletário de esquerda na Europa Ocidental, após a 1ª Guerra Mundial (4: p. 128)*, caindo por terra o sonho, acalentado pelos marxistas, de uma revolução encabeçada pela classe operária.

Projeto científico

Assoun lembra que a Escola de Frankfurt, em seu sentido estrito, é uma escola de *filosofia social* e explica que esta expressão, sob a óptica de Horkheimer, designa

(...) um problema fundamental, o da articulação entre a flexibilidade filosófica que se fundamenta sobre a existência do conceito e a investigação científica que se apoia sobre o dado empírico (3: p. 9-10).

O Instituto de Pesquisa Social divulga seu pensamento através do *Arquivo para a História do Socialismo do Movimento Operário*. Após a entrada de Horkheimer, entre 1933 e 1940, é editada a *Revista de pesquisa social*, cuja tônica era totalidade e dialética (23: p. 836).

Uma das metas básicas (da Escola) era a incorporação sistemática de todas as disciplinas de pesquisa social científica em uma teoria materialista da sociedade, facilitando assim a mútua fertilização entre a ciência social acadêmica e a teoria marxista (22: p. 242).

Eixos temáticos

Os comentadores consultados dividem suas análises, em relação aos eixos programáticos da Escola de Frankfurt, to-

mando por base os mais variados parâmetros. Escolhemos a categorização de Barbara Freitag (12), lembrando sua ressalva de que a divisão adotada é puramente didática.

O primeiro eixo diz respeito a *dialética da razão e a crítica da ciência*. A autora afirma que todos os seguidores da Escola têm o Iluminismo ou Esclarecimento como tema.

A dialética da razão é concebida como um processo de emancipação que levaria o homem à autonomia e autodeterminação mas transforma-se em instrumentalização para dominação e repressão do homem (12: p. 34).

O Iluminismo tinha como finalidade libertar o homem da ignorância pelo saber. Na sua trajetória, entretanto, desviou-se e terminou dando suporte à tecnologia e à ciência moderna que mantém com seu objeto uma relação ditatorial. Horkheimer, segundo Freitag, *denuncia o caráter alienado da ciência e da técnica positivista, cujo substrato comum é a razão instrumental (12: p.55).*

Momentos deste eixo temático: 1º – contraposição de Horkheimer entre a teoria tradicional (pensamento cartesiano) e a teoria crítica (pensamento marxista); 2º - disputa em torno dos fundamentos epistemológicos do positivismo e da dialética entre Popper e Adorno; 3º – debate sistemático relatado na obra *Teoria da sociedade ou tecnologia social*, entre Habermas (afinidade com a teoria crítica) e Luhmann (teoria sistêmica sofisticada).

A dupla face da cultura e a discussão da indústria cultural (12: p. 65-85) é o segundo eixo temático, segundo Freitag. A Teoria crítica e a Escola de Frankfurt, para a Autora, ganha notoriedade a partir da crítica à cultura. Em **Dialética do esclarecimento** surge o conceito de indústria cultural elaborada por Adorno (1).

Para ele, a indústria cultural (...) *é uma forma sui generis pela qual a produção artística e cultural é organizada no*

contexto das relações capitalistas de produção, lançada no mercado (12: p. 72).

Para Freitag, a Teoria estética elaborada por Adorno procura desvendar na obra de arte sua essência, seu verdadeiro caráter de negação do real estabelecido sem submetê-lo a esquemas conceituais coerentes ou ao processo de produção e reprodução de mercadorias.

O terceiro eixo temático identificado pela Autora diz respeito à *questão do Estado e suas formas de legitimação*. Este tema acontece no interior da Escola de Frankfurt em três momentos: 1º) *antes da emigração para os Estados Unidos da América*, quando a reflexão sobre o Estado faz parte de uma discussão mais ampla que procurando conceituar as mudanças estruturais que ocorrem na base econômica da sociedade capitalista; 2º) *durante a emigração capitaneada por Max Horkheimer e Hebert Marcuse*. Nessas análises, Estado e dominação se confundem com a crítica da razão instrumental; 3º) neste último momento, são estudados *o Estado moderno e sua função no capitalismo tardio*, a partir da visão de Habermas e Claus Offe. O Estado é tratado como tema autônomo: do Estado liberal ao Estado pós-moderno (12: p. 96-104).

8.2.2 Princípios filosóficos

Noção de teoria

Qualquer entendimento da natureza da teoria tem de começar com a compreensão das relações existentes na sociedade, entre o particular e o todo, entre o específico e o universal. Em contradição à alegação positivista, teoria é principalmente uma ação de classificar e ordenar fatos.

Se a teoria vai além do legado positivista da neutralidade, deve desenvolver a capacidade de ser meta-teoria. Inspi-

ra-se no dito de Nietzsche: *uma grande verdade quer ser criticada e não idolatrada* (2: p.34).

Teoria Crítica

A teoria crítica refere-se ao trabalho desenvolvido por alguns membros da Escola de Frankfurt. Para Giroux

(...) a teoria crítica nunca foi uma filosofia inteiramente articulada, compartilhada de maneira não problemática por todos os membros da Escola. Mas deve-se enfatizar que, embora não se possa identificar uma teoria crítica universalmente compartilhada, pode-se identificar a tentativa comum de avaliar as formas emergentes de capitalismo juntamente com as formas cambiantes de dominação que as acompanhavam; de repensar e reconstruir radicalmente o significado da emancipação humana (14: p. 21).

Portanto, a Teoria crítica refere-se tanto a uma escola de pensamento quanto a um processo de crítica.

Foi na fase de emigração que Horkheimer lançou os fundamentos da Teoria crítica, em seu ensaio **Teoria crítica e teoria tradicional** (1937). Deixou para trás o *materialismo histórico e dialético de Marx, aproveitando-se do Iluminismo latente neste para formar a Teoria crítica, cuja proposta é estar contra todas as condições escravizantes, tanto metafísicas como ideológicas, opondo-se à arregimentação do intelecto e à conseqüente esterilidade do Partido Comunista* (5: p. 120-121).

Ainda, segundo as autoras citadas,

(...) os pontos principais, que tipificam a teoria crítica consistem no embasamento teórico referenciado pelo marxismo clássico e na opo-

sição feita ao que se designou teoria tradicional, inerente ao pensamento filosófico positivista então vigente (5: p. 126).

Para a Escola de Frankfurt, o positivismo filosófico e prático constituía o ponto terminal do Iluminismo.

A função social da ideologia do positivismo era negar a faculdade crítica da razão, permitindo a ela apenas o terreno dos fatos para atuar. Ao fazer isso, sob o domínio do positivismo, reverencia o fato. Sua função é simplesmente caracterizar o fato. Sua tarefa termina quando afirma e explica o fato (...) sob o domínio do positivismo, a razão inevitavelmente estanca quando se aproxima da crítica (15: p. 28).

O positivismo, para Horkheimer, de acordo com Friedman, apresentava uma visão do conhecimento e da ciência que despojava ambas de suas possibilidades. O conhecimento era reduzido à província da ciência, e a própria ciência estava compreendida em uma metodologia que limitava (...) *a atividade científica à descrição, classificação e generalização dos fenômenos, sem cuidar da distinção entre o que não é importante e o que é essencial* (15: p. 30).

A Teoria crítica, na compreensão de Braga e Silva (5), tem como primazia o domínio do raciocínio dedutivo e indutivo, resultante de um extenso processo de desenvolvimento originário do pensamento cartesiano. A fundamentação que Descartes idealizou constrói a ciência como sistema dedutivo a que todas as proposições deveriam estar ligadas, derivando-se a maior parte delas de algumas poucas.

Na proposta da Teoria crítica, o aspecto histórico é peça fundamental para o esclarecimento dos fatos envolvidos na exposição do homem à vida social. A Teoria crítica sugere uma relação orgânica entre sujeito e objeto: o sujeito do conhecimento é sujeito histórico que se encontra inserido em

um processo igualmente histórico que o condiciona e molda (12: p.42).

Para Horkheimer, o saber, fruto do Iluminismo, como delegação de poder, enclausurou a consciência humana numa condição racional instrumentalizada. A razão passou a ser instrumento favorável à repressão do homem, que mantém, nesse momento, uma relação ditatorial, imperativa, entre ciência e técnica. Esta razão, como mostra a Teoria crítica da sociedade, atrofiou a liberdade do homem impondo, de modo abrangente, o seu pensamento como visão do mundo.

Crítica à Teoria Crítica

Matos elabora uma crítica à nova teoria a partir das diferentes fases. Na primeira, sob a ameaça do nazismo e anterior ao exílio, a crítica da razão é de uma forma de razão ou da razão em si, *o que implicaria não mais considerar-se razão instrumental o mesmo que razão burguesa, e inscreveria o totalitarismo na própria essência da razão* (20: p. 11).

A ambigüidade com relação às figuras da razão acarreta conseqüências importantes quanto ao otimismo ou pessimismo em relação ao futuro da humanidade. Para a autora, o marxismo, em certas condições, tem uma visão otimista deste futuro, na medida em que a razão crítica é vista como uma *forma histórica da razão*. O marxismo pretende, assim, a libertação do gênero humano através de uma racionalidade real e concreta (20: p. 11).

Na segunda fase, *o tom pessimista é mais transparente, porém seu sentido é o de ser pessimismo teórico e otimista prático* (20: p. 15). Pessimismo teórico, pois, para Horkheimer, *a racionalização da sociedade é, agora, concebida não mais como algo a ser produzido praticamente, mas como uma tendência imanente ao desenvolvimento da humanidade* (20: p. 15).

Nesta fase, segundo a autora (20), o pessimismo se torna radical: a razão introduz a dúvida que alimentará a nostalgia daqueles que são capazes de uma verdadeira tristeza, de uma nostalgia do outro; tristeza nostálgica de um ideal que se sabe jamais realizável. Portanto, a teoria é crítica e melancólica: melancolia de esquerda, de tudo o que é possível.

Matos esclarece que

(...) o melancólico é aquele que se prende ao passado, que encontra dificuldades em esquecer (...) é memorioso e conserva as esperanças irrealizáveis do passado (...). Manter uma relação com o passado significa, aqui, lembrar o melhor para impedir o pior; que o passado se repita (20: p. 21).

Habermas, herdeiro da Escola de Frankfurt, vai fazer sua crítica à Teoria crítica de Horkheimer e Adorno, no que diz respeito aos impasses criados por ela em sua radicalidade; mas procura saída através da razão comunicativa, cujas peças-chaves são a concepção dialógica (comunicativa) da razão e o caráter processual da verdade.

Na avaliação de Freitag, a Teoria crítica continua presa a um juízo existencial: libertar a humanidade do jogo da repressão, da ignorância, da inconsciência. Esse juízo preserva, em sua essência, o ideal iluminista: usar a razão como instrumento de libertação para realizar a autonomia, a auto-determinação do homem (12).

8.3 Fundamento da Teoria de Intervenção Prática de Enfermagem em Saúde Coletiva – TIPESC

8.3.1 Histórico e Dificuldades

Emiko Yoshikawa Egry, autora da TIPESC, é enfermeira docente. Iniciou sua jornada profissional há duas décadas (11: p. 9), em momentos de mudanças qualitativas: na enfermagem, com a inauguração dos primeiros cursos *stricto sensu*; na ordem política vigente, com o início do enfraquecimento do regime militar no Brasil e a escolha do materialismo histórico e dialético³ como marco para análises sociais, e da saúde coletiva em particular, área de sua atuação.

Os cursos de pós-graduação passam a formar docentes e pesquisadores sob o marco há pouco citado, e uma produção extensa desponta na enfermagem sob sua influência. É sob esta perspectiva teórica que a autora sedimenta sua teoria *apresentando seus primeiros fundamentos no artigo Bases metodológicas para a assistência de enfermagem em saúde coletiva fundamentada no materialismo histórico e dialético* (11: p.14), publicado em 1996.

A primeira dificuldade para a compreensão da proposta de Egry é a diversidade de conceitos tomados de vários autores, sem deixar explícitas a utilização e articulação destes conceitos no interior da teoria. Tal é o caso da noção de ação comunicativa, de Habermas, da teoria das necessidades sociais, de Agnes Heller, e dos postulados da reforma sanitária

³ Dialética supõe reciprocidade; materialismo supõe unilateralidade da infra-estrutura para a superestrutura cultural, política e social; portanto, essa expressão é polêmica, considerada contraditória pelos críticos e algumas correntes marxistas, inclusive a própria Escola de Frankfurt. Usaremos a expressão *materialismo dialético*, apesar deste comentário, porque é assim que a autora utiliza em seu texto.

brasileira⁴. No decurso da leitura da proposta de Egry, percebe-se que esta dificuldade provém dos pressupostos retirados do marxismo clássico que, por não expressar a pluralidade da sociedade atual, limita seu campo explicativo e não permite a adoção de conceitos mais atuais sem contrapor-se aos seus fundamentos.

Uma segunda dificuldade está relacionada com a falta de conceitos elaborados por Egry, que prefere fazer uso de outros autores, o que problematiza a compreensão das interrelações conceituais no interior da teoria.

O modelo adotado pela Autora, como escrevemos, é o marxismo clássico, cujo (...) *objeto de estudo é a sociedade e as leis gerais de seu desenvolvimento (...)*, além de sustentar *que a produção material é a base sobre a qual se estabelece o modo de viver dos homens, o que determina toda a vida da sociedade* (11: p. 30). Com isso exclui o que modernamente se tenta discutir na ação social: a cultura, a personalidade, as paixões, as peculiaridades pessoais, o estilo de vida, a *microfísica do poder* e outros atributos individuais ou de grupos que afetam o modo de vida do homem.

8.3.2 Bases filosóficas

O Método e sua função na prática da enfermagem

Egry analisa os conceitos de metodologia elaborados por autores como Bruyne, Herman, e Schoutheele (8); Pedro Demo (10); Mario Testa (25); Cecília Minayo (21), utilizando elementos constitutivos destes para fundamentar seus argumentos. Para ela (...) *o método, enquanto (sic) elementos*

⁴ A reforma sanitária tem como princípios a universalidade, a equidade, a integralidade da assistência e a participação social. Seus marcos teóricos são baseados em autores de origem marxista, como Gramsci, Poulantzas, Clauss Offe, Habermas, trazidos para o campo da saúde na América Latina através do pensamento de Juan Garcia.

constitutivos da intervenção de enfermagem em saúde coletiva é um instrumento (saber, técnica, procedimentos) a ser utilizado no processo de trabalho, cuja finalidade genérica é a transformação da realidade de saúde e doença da coletividade (11: p. 21). Destaca, também, sua indissociabilidade do real, sob pena de perder seu caráter instrumental.

A enfermagem, por ser uma prática que se realiza no âmbito social, portanto inserida na lógica do capitalismo, tende a reproduzir o que lhe é mais peculiar: as relações contraditórias no contexto de luta de classe, latente ou expressa, e a mais valia.

Visão de mundo

A explicitação da visão de mundo é necessária, segundo Egry, para justificar a escolha do método como elemento constitutivo do trabalho em enfermagem na saúde coletiva.

Ao utilizar a teoria marxista para explicação do real, a autora faz uso dos conceitos-chaves desta teoria: alienação e ideologia. Vai buscar o conceito de alienação em Severino, que se refere

(...) ao estado do indivíduo que não mais se pertence, que não detém o controle de si mesmo, que está privado de seus direitos fundamentais, passando a ser como uma coisa. Está alienado, portanto, quem está fora de si, quem perdeu sua própria identidade, tornando-se o outro em si mesmo (24: p. 137).

Outro conceito utilizado pela autora é o de ideologia; elege a visão de Chauí, para quem

(...) ideologia é um conjunto sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e

de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um campo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo e regulador, cuja função é dar aos membros da sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção (9: p. 31).

Os elementos teórico-metodológicos fundamentais, na perspectiva de Egry, para a aproximação fenomênica voltada para a intervenção transformadora decorrente da escolha desta visão de mundo, são a historicidade e a dinamicidade.

Historicidade, para Pedro Demo, (...) caracteriza a mobilidade constante da história, o vir-a-ser contínuo das transformações sociais. O histórico vive a tensão dialética entre a persistência no tempo e a transcendência para o futuro (10: p. 145). O que caracteriza a historicidade é o provisório, o instável, o lábil, o imperfeito, o precário.

A autora trabalha com os conceitos marxianos de *infra-estrutura* e *superestrutura*, para fundamentar a estruturação social e sua influência nas atividades vitais do homem; trabalha com o conceito de *ser social*, trabalha também com o concreto de que designa o processo objetivo, real, da atividade vital do indivíduo de *consciência social* que se refere à vida espiritual da sociedade na qual se reflete o ser social. Da interação dos dois – ser social e consciência social – surge a correlação entre *liberdade* e *necessidade*. As necessidades podem ser naturais e sociais. As primeiras se repor-

tam à mera manutenção da vida humana, apresentando-se através de determinação do valor da força de trabalho (alimento, vestimenta, calefação, habitação). As outras são produtos, independentemente do fato de se tratar de mercadoria ou não, e se reportam aos desejos e intenções.

O conceito de dinamicidade é buscado, pela autora, na dialética do século XIX:

a dialética tomou vários sentidos ao longo da história, mas agora será tratada tal como aparece no século XIX, no pensamento alemão, inicialmente na obra de Hegel e depois na de Karl Marx e Friedrich Engels (11: p.36). Segue a idéia de que a realidade vai se construindo num processo histórico resultante, a cada momento, de múltiplas determinações e este movimento de constituição decorre de forças contraditórias que atuam no interior da própria realidade (24: p. 133).

8.3.3 Categorias de Análise

O arcabouço teórico da TIPESC é delineado com categorias conceituais e categorias dimensionais.

As categorias conceituais vão possibilitar a articulação entre as partes do fenômeno sobre o qual a autora se debruça. São elas:

Sociedade: homens, em um espaço geográfico,

(...) interação entre si (sic) a partir da inserção no trabalho onde eles se relacionam entre si e com a natureza, na produção da vida material. Este trabalho está estruturado pela base econômico-social. Toda esta estruturação está

assentada no modo de produção, síntese concreta, histórica e dinâmica das relações sociais e das forças produtivas. Tal modo de produção conforma e é conformado pela superestrutura jurídico-político-ideológica. Esta sociedade encontra-se em permanente transformação, criando-se e recriando-se pela ação humana em um processo de criação onde o Homem é também transformado. A sociedade brasileira está assentada num modo de produção capitalista periférico, existindo, portanto, em seu interior agrupamentos humanos que se inscrevem em distintas classes sociais conflitantes. Diferentes classes sociais têm diferentes condições de vida e, portanto, diferentes condições de saúde-doença. Entre as classes sociais, há relações de dominação necessárias à manutenção do sistema (11: p.52-53).

Homem: ser biológico, social e histórico (transforma-se e transforma a sociedade). Ser social porque está em diferentes classes sociais e diferentes condições de vida, de saúde e de assistência à saúde. No conceito de homem a autora destaca: categoria trabalho-classe social, consciência de classe e burguesia.

Processo Saúde-doença

Para Egry, é um

(...) processo histórico, dinâmico, isto é, determinado pela forma com que cada indivíduo se insere no mundo da produção dominante na estrutura social a que pertence, conferindo a cada indivíduo peculiares condições materiais de existência. É a síntese, as totalidades das determinações que ope-

ram sobre a qualidade da vida social e está articulada aos aspectos econômicos, políticos, sociais, de relacionamento familiar, de responsabilidade humana. (...) Ele não se apresenta numa progressão linear, mecânica, que vai de um pólo (saúde) a outro (doença), mas sim através de um constante vai-vém em espiral o que evidencia o caráter dinâmico de permanente alteração dos fatos/fenômenos vinculados à saúde-doença. (...) É um processo particular de uma sociedade que expressa no nível individual as condições coletivas de vida resultantes das características concretas dos perfis de produção: os processos de trabalho (que são as expressões individuais do modo de produção da sociedade), os perfis de consumo e as conseqüências destes perfis nas diferentes formas de vida (...) (11: p. 60-61).

O processo saúde-doença reflete a relação do homem no interior da sociedade, onde os riscos e contatos com agravos e suas potencialidades de saúde são definidos a partir de sua inserção no sistema de produção.

Saúde coletiva, diferente de saúde pública,

(...) propõe a determinação histórica do processo coletivo de produção dos estados de saúde-doença. (...) Incorpora o método materialista dialético. (...) se coloca como recurso de luta popular e da crítica renovação de estratégias do 'que-fazer' estatal. (...) propõe a necessidade de uma ação para a mudança radical (6: p. 128-129).

A denominação saúde coletiva é uma especialidade do movimento latino-americano no campo da saúde, iniciado na década de 60, que incorpora o materialismo histórico

como marco teórico e situa as transformações sociais no campo da saúde, devendo daí irradiar-se para os demais espaços sociais. A distinção entre a saúde pública é que esta se situa no interior do Estado, com ações a partir da óptica estatal e centrada em aspectos focais, enquanto a saúde coletiva, segundo seus idealizadores, propõe a necessidade de uma ação que leve a uma mudança social radical. O objeto da saúde coletiva é, portanto, o corpo social.

Assistência à saúde coletiva é uma

(...) interferência consciente (sistemizada, planejada e dinâmica) no processo saúde-doença de uma dada coletividade, consideradas as distinções de classes sociais; realizada pelo conjunto de profissionais de saúde com a coletividade, objetivando o desenvolvimento da consciência crítica de cada classe social em relação a sua realidade de saúde, tornando-se portanto sujeito de suas próprias transformações. Os serviços, no contexto de produção capitalista, se inserem como mercadoria (11: p. 68).

No modelo proposto, a intervenção na realidade, pela assistência, irá depender de pontos de *vulnerabilidade* que podem ser desdobrados em três ordens: *vulnerabilidade de conteúdo* (...), que irá possibilitar a intervenção a partir de conhecimentos acumulados; *vulnerabilidade espacial* (...), que diz respeito às possibilidades de rupturas com a realidade vigente; *vulnerabilidade de forma* (...), referindo-se às possibilidades de caminhos para a aplicação da intervenção.

Processo de ensinar-aprender, na concepção da autora, relaciona-se com resolução de problema: professor-aluno partilhando experiências e soluções para questões a serem enfrentadas. Parte da relação concreta da prática, garantindo o processo como um *ato educativo emancipador* (intervir para transformar).

Egry vai buscar, na teoria da ação comunicativa de Habermas, a concepção de atitude emancipadora e de hermenêutica crítica para fundamentar essa prática transformadora.

Enfermagem, prática social, transformadora, executada com instrumentos próprios e procedimentos baseados em conhecimento científico. Egry tem a preocupação de posicionar a enfermagem como prática social no marco do materialismo histórico; portanto, sua

(...) intervenção no processo saúde-doença deve ser realizada considerando as distinções das classes sociais a que pertencem os sujeitos-alvo desta intervenção, uma vez que a qualidade de vida está grandemente distinta, a depender da classe social a que pertence o usuário (11: p. 77).

Nas categorias dimensionadas, a autora busca dar conjunto e formato a sua teoria para operacionalizá-la, necessitando ainda de um esclarecimento maior na sua relação com a prática de enfermagem. A primeira delas é:

Totalidade, categoria central em Marx e no modelo teórico da autora. Constitui-se em uma unidade concreta de contradições que interagem. Não se identifica o todo, antes é *parte tomada como um todo estruturado e racionalmente compreendido* (11: p.81). Não é um tipo-ideal, modelo tomado independente do objeto, destacável a fim de explicá-lo. Também não é um universal abstrato que se contraponha aos particulares como uma essência platônica.

O conceito de totalidade implica uma complexidade em que cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos. (...) Só é apreensível através das partes e das relações entre elas (11: p. 83).

Totalidade, na compreensão da autora, é parte do objeto de intervenção, relaciona-se com outras totalidades imediatamente superiores e inferiores a ela.

O estrutural, o particular e o singular: são dimensões da realidade onde a autora busca a compreensão das diferentes partes do objeto fenomênico e a exposição da dialética entre elas.

O estrutural é a aproximação dos aspectos macroscópicos ou macro-estruturais do objeto focalizado. É o mais distante do objeto.

O particular se refere ao perfil epidemiológico de classe, perfil reprodutivo, perfil saúde-doença e práticas e ideologia em saúde.

O singular destaca os processos que levam ao adoecer-morrer ou ao desenvolvimento do nexos biopsíquico dado pelo funcionamento e consumo-trabalho individual do homem. É o mais específico do objeto (11: p. 84-6).

Práxis: última categoria dimensional da teoria. A autora faz uso das concepções de Konder (17); de Vazquez (26) e Kosik (18) sobre práxis. Neste sentido, fica subentendido que ela compreende a *práxis* como uma prática, consciente, teleológica, voltada para a transformação social e a realização do homem pela liberdade.

8.3.4 Trajetória processual e práxis da intervenção

Para Egry,

(...) a intervenção sobre a realidade objetiva pressupõe mediações entre o sujeito (ator social) que intervém e o objeto de intervenção, e é sempre praxicamente processual. O começo, o meio e o fim, desta forma, são elos interligados de uma mesma espiral onde, geral-

mente, o início da espiral é impulsionado por aquele que, em um dado momento, é capaz de formular o horizonte processual de transformação (11: p. 91).

O Modelo Operacional da TIPESC

O modelo operacional da teoria foi esquematizado em sua proposta sistematizadora em cinco etapas. Estas são definidas por Egry e sinteticamente apresentadas a seguir. Primeira etapa – *captação da realidade objetiva* – constitui uma leitura do real, *situacionalidade*, momento em que se busca desvendar a aparência do fenômeno. A segunda etapa – *interpretação da realidade objetiva* – é a descoberta da essência dessa qualidade atual do fenômeno. Isto vai ser buscado com o auxílio de categorias analíticas para o recorte do fenômeno: tempo-espaço; teoria – prática; estrutural - particular; particular – singular; possibilidades – necessidades. Este estudo analítico ajudará a desvendar as vulnerabilidades e a identificar os *motes transformadores*, confrontados e articulados em síntese dialética com as categorias analíticas. Este procedimento viabiliza a terceira etapa – *construção do projeto de intervenção na realidade objetiva* – momento de seleção de objetivos, estratégias, corpo teórico-metodológico, definição de tempo, competências. É o momento de confronto com a realidade fenomênica, prenhe de resistências que expressam as contradições do real. A quarta etapa – *intervenção na realidade objetiva* – vai proporcionar as transformações qualitativas, tanto no sujeito (que intervém), quanto no objeto (que sofre a intervenção), levando à quinta etapa – *re-interpretação da realidade objetiva* – que, em última instância, é a re-interpretação do próprio caminho metodológico operacionalizado, reiniciando o processo. É o momento também de validação ou não da teoria utilizada – *validade praxiológica*.

Referências de Apoio à construção da TIPESC

Egry (11) utiliza a teoria clínica destacando seus limites e buscando superá-los com outras teorias que localizem a explicitação biopsíquica da morbidade na relação do indivíduo/corpo num dado modo de produção.

Para a enfermagem ela busca apoio na teoria das necessidades humanas básicas de Maslow, superando-o ao situar temporal e historicamente estas necessidades.

O estudo do processo saúde-doença assume, na TIPESC, o formato da epidemiologia social de Breilh (7) e Laurell (19) que *recorre ao estudo sistemático de: processos estruturais da sociedade; perfis de reprodução social (...) potencialidades de saúde e sobrevivência e os riscos ou contravalores de adoecer e morrer (...)* (11: p. 116).

De Agnes Heller utiliza a teoria das necessidades sociais, que explora os determinantes históricos e sociais de consumo, reconstruindo a (...) *historicidade da incorporação de valores e contravalores ao longo das transformações das práticas de saúde (...)* (11: p. 117).

Os conhecimentos que orientam a prática profissional estão amparados: na teoria do agir comunicativo de Habermas; no enfoque de distritalização da Reforma Sanitária; no enfoque de problemas; no planejamento estratégico de Mário Testa e na interdisciplinaridade.

8.4 Crítica da TIPESC à Luz da Teoria Crítica

A Teoria crítica apresenta um desafio para as teorias de enfermagem, visto que muitas delas são ligadas a paradigmas funcionalistas e baseadas nas pressuposições de uma racionalidade positivista.

A TIPESC critica a racionalidade positivista da prática em saúde coletiva e prática de enfermagem mas falta-lhe o refinamento teórico característico do trabalho de Horkheimer, Adorno e Marcuse.

Analisando a *montagem* da TIPESC, podemos levantar os seguintes aspectos mais gerais:

Bases filosóficas para a compreensão do método proposto pela autora

A autora se fundamenta no materialismo histórico e dialético na sua vertente original, de Karl Marx e Friedrich Engels: (...) *as correntes teórico-filosóficas que se valem do pensamento marxista para o estabelecimento de doutrinas, dogmas à semelhança do que se chama de socialismo real, burocrático ou de caserna. São correntes que estão destacadas, mesmo porque elas acabaram destruindo, na práxis, o próprio pensamento original de Marx* (12: p.49). A autora segue denominando de pensamento marxiano (...) *a corrente que busca renovar a filosofia da práxis, enquanto teoria e ação política, assimilando o pluralismo e capacitando para a construção de uma cidadania democrática* (...) (11: p. 32).

Ao aceitar a história e com ela o homem submetido às suas leis gerais, a autora confere também um caráter nomotético aos fundamentos da TIPESC. Introduce um elemento determinista, uma vez que, onde há lei, há necessidade, e esta pode suprimir a ação voluntarista do homem como dono do seu destino, submetendo-o à história e suas leis.

O pressuposto materialista-histórico, segundo o qual a história tem como motor o interesse econômico, reduz o espaço criativo e inesperado do homem: deixa de fora as paixões, o imaginário.

O *classismo* do marco teórico da TIPESC é outro aspecto problemático na teoria, pois deixa de fora outros grupos e subgrupos. Limitando a sociedade às classes, subestima fa-

mília, grupos étnicos, etários, gênero, grupos de comportamentos, confessionais e tantos outros.

As categorias dimensionais: o estrutural, o particular e o singular, por pretender chegar ao indivíduo, entram em choque com a categoria fundante do marxismo: classe social. No materialismo histórico clássico, que a autora professa assumir, esta categoria (...) *tem uma importância capital (...) conquanto nem Marx nem Engels jamais a tenham formulado de maneira sistemática*:. Pois para Marx, in Bottomore, o fundamento de todo o edifício social está na *relação direta entre proprietários das condições de produção e os produtores diretos* (4: p. 61).

Mais adiante, Bottomore relata as dificuldades de se operacionalizar tal categoria, pois não considera como elemento de análise as *complicações da estratificação social em relação às classes fundamentais*, dificuldade também assumida pelo próprio construtor da teoria marxista, quando assume ter deixado de fora, por objetivos de análise mais imediatos, (...) *a constituição real da sociedade, que, de maneira alguma, consiste unicamente da classe dos trabalhadores e da classe dos capitalistas industriais* (4: p. 62).

O marxismo, como ciência social, *rejeita as explicações elaboradas em termos de propósitos, atitudes e crenças individuais* (...), por outro lado, como macro-teoria precisa de micro-teorias para trabalhar, mas, mesmo assim, não focaliza a atenção sobre os detalhes desta teoria, assumindo antes que, ideologicamente, *as teorias e modos de pensar individualistas (...) ocultam as relações sociais subjacentes, sobretudo as relações de produção (que explicam) (...) o pensamento e a ação individuais* (4: p. 192).

Adotando o marxismo clássico com o seu fundamento teórico, Egry assume também essa dificuldade conceitual para análise de totalidade e, especialmente, de âmbito individual.

A Escola de Frankfurt critica, embora não deixe de ser marxiana, o materialismo clássico adotado por Egrý, uma vez que este, já no início do século, não conseguiu explicar a sociedade tecnológica, com adesão do operário ao capital na social-democracia e a brutalidade manifesta pelo stalinismo e, mais recentemente, após a queda da cortina socialista, na China, na Albânia e em Cuba.

A autora, condenando o dogmatismo, assume uma postura dogmática ao trazer para a atualidade um modelo teórico do século XIX, sem nenhuma reformulação.

A pluralidade, a especificidade, o singular não cabem na teoria marxista clássica, e nem na TIPESC, por questões de princípios filosóficos assumidos.

Bases teóricas para a aproximação de fenômeno

As categorias conceituais que a autora utiliza para sua aproximação da realidade têm o mérito de romper com o modelo cartesiano de ciência, a exemplo dos frankfurtianos, ao introduzir a ação humana, a historicidade e as peculiaridades do homem como elemento de análise. Ao conceituar saúde-doença, visualiza a saúde como um processo, que se expressa individualmente, inclusive destacando os aspectos (...) *políticos, sociais, de relacionamento familiar e de responsabilidade humana* (11: p. 60).

A Escola de Frankfurt e a Teoria crítica também vão buscar na unicidade e peculiaridade da ação humana, no estranho para a sociedade, a liberdade do homem frente à dominação da *razão instrumental*. Egrý não leva sua análise até este aspecto de radicalidade da teoria crítica frente à razão iluminista. A autora aceita *as leis gerais da sociedade* descobertas pela dialética, o que, para os frankfurtianos, é uma visão positivista.

A visão de historicidade da Teoria crítica transcende a de Egrý, uma vez que esta se atém ao destaque do instável,

fortuito, imperfeito, provisório, sem romper com a racionalidade que está fundamentando este modo de saber/fazer na sociedade contemporânea e que, longe de libertar, domina o homem em todas as suas dimensões.

As dimensões em que a TIPESC se propõe atuar – a estrutura, o particular e o singular – trazem para a prática da enfermagem uma perspectiva diferente e inovadora. Mesmo que os processos de trabalho em enfermagem ocorram nos espaços micro-sociais, sejam eles indivíduo, família e grupos sociais, a dimensão macro não pode ser desconsiderada. Ela deve ser um referencial para análise, muito embora não seja tomada como absoluta, já que saúde-doença possui parâmetros que vão além dos aspectos econômicos que o materialismo histórico destaca como determinantes e que fundamentam a TIPESC. Daí sua dificuldade: fundamenta-se em uma teoria cosmocêntrica, o que torna seu uso assaz problemático como base teórica de saberes antropocêntricos como é o saber das ciências da saúde.

A TIPESC é uma teoria de fundamentos multidisciplinares. Faz uso de elementos conceituais e explicativos da sociologia, antropologia, epistemologia, economia, ecologia, política, epidemiologia. Abrange diferentes campos, como planejamento, administração e assistência. Esta dimensão da teoria enriquece sua capacidade analítica e explicativa. O risco destas é não permitir uma adequação a realidades específicas.

A Escola de Frankfurt, ainda que se dizendo herdeira de Marx, reconhece o caráter contraditório das teses marxistas centrais, e tenta contornar seus impasses, e evitar suas armadilhas, embora nem sempre tenha obtido êxito como no caso da radicalidade da crítica à razão instrumental.

Não obstante as dificuldades, a TIPESC poderá propor e operacionalizar algumas práticas de saúde de caráter mais geral, sem a necessidade de distinguir entre grupos outros que não as classes, deixando a outras formulações o enfrentamento de problemas que lhe escapam à capacidade de compreensão

ou explicação. Um espaço que certamente se oferece à TIPESC é o do ativismo ligado às lutas trabalhistas das profissões de saúde e outros embates políticos pertinentes à enfermagem, como algumas lutas políticas ligadas à saúde coletiva.

8.5 – Referências Bibliográficas

1. ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
2. ARATO, A. & E. GEBHARAT. ed. *The Essencial Frankfurt School* Readen. New York: Urizeu Book. In: GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, Vozes, 1986.
3. ASSOUN, Paul-Laurent. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo, Ática, 1991.
4. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1988.
5. BRAGA, Adriana Eufrásio & SILVA A, Joan Cristina Rios da. O Método Crítico de Horkheimer e Adorno. IN BARRETO, José Anchieta Esmeraldo e MOREIRA, Rui Verlaine Oliveira. **Imaginando erros** (Escritos de Filosofia da ciência). Fortaleza, Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1997.
6. BREILH, J. Reprodução social e investigação em saúde coletiva: construção do pensamento em debate. IN. EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
7. BREILH, J.; GRANDA, E. Investigação da saúde na sociedade: guia pedagógico sobre o novo enfoque de método epidemiológico. IN. EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.

8. BRUYNE, P. DE; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
9. CHAUI, Marilena. O Que é ideologia. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
10. DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
11. EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
12. FREITAG, Bárbara. **A Teoria crítica ontem e hoje**. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.
13. FRIEDMAN, G. **The Political philosophy of the Frankfurt school**. Ithaca, Cornell University Press, 1981.
14. GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis, Vozes, 1986.
15. HORKHEIMER, Max. **Teoria crítica. uma documentação**. Tomo I. São Paulo, Perspectiva, Editora da USP, 1990, tomo 1.
16. HORKHEIMER, Max.. Teoria tradicional e teoria crítica. In. BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. ; HABERMAS, J. **Textos escolhidos**. São Paulo, Abril Cultural, 1975 (Coleção Os Pensadores).
17. KONDER, L. O Futuro da filosofia da práxis. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.

18. KOSIK, K. Dialética do Concreto. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
19. LAURELL, A. C. A saúde-doença como processos social. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
20. MATOS, Olgária C. F. **Os Arcanos do inteiramente novo**. A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo, Brasiliense, 1988.
21. MINAYO, Maria Cecília S. O Desafio do conhecimento. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
22. OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1996.
23. REALI, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do romantismo até nossos dias**. São Paulo, Paulinas, 1991.
24. SEVERINO, A. J. Filosofia. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
25. TESTA, Mário. Pensar em saúde. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.
26. VANGUEZ, A. S. A Filosofia da práxis. In: EGRY, Emiko Yoshikawa. **Saúde coletiva: construindo um novo modelo em enfermagem**. São Paulo, Ícone, 1996.